

INSTITUTO SUMARÉ DE EDUCAÇÃO SUPERIOR- ISES
FACULDADE SUMARÉ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

IARA MARIA RAMOS
SÔNIA M^a RODRIGUES DE ALMEIDA

A PARCERIA ESCOLA - FAMÍLIA

SÃO PAULO
2012

INSTITUTO SUMARÉ DE EDUCAÇÃO SUPERIOR- ISES
FACULDADE SUMARÉ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

IARA MARIA RAMOS
SÔNIA M^a RODRIGUES DE ALMEIDA

A PARCERIA ESCOLA - FAMÍLIA

Projeto de Pesquisa apresentado ao Instituto Sumaré de Educação Superior- ISES- Faculdade Sumaré, como exigência do Curso de Licenciatura em Pedagogia.
Orientadora: Prof. Kety Viana

SÃO PAULO
2012

RAMOS, Iara M^a; ALMEIDA, Sonia M^a Rodrigues.
A parceria escola – família. – São Paulo, 2011.

Projeto de Pesquisa apresentado ao Instituto Sumaré de Educação Superior-
ISES - Faculdade Sumaré, como exigência parcial do Curso de Licenciatura em
Pedagogia, 2011.

1. Aluno

2. Família

3. Escola

DEDICATÓRIA

Aos nossos pais, filhos, irmãs e amigos que estiveram conosco no decorrer desses três anos, dando-nos total apoio na elaboração desse projeto.

AGRADECIMENTOS

A Deus por nos ter dado todo o entendimento e sabedoria no decorrer de toda nossa jornada.

Às nossas orientadoras, Prof. Maria de Fátima Major Gonçalves por seu apoio no início desse projeto e a Prof. Kety Viana por sua dedicação e empenho ao finalizá-lo conosco.

Ao corpo docente do Instituto Sumaré em especial à alguns professores como Donizete, Livia M^a, Margarete Pinto e Rosmeire Sanfolin que nos fizeram perceber a dimensão do ensinar.

As nossas colegas que fizeram parte de forma indireta e direta desse projeto, auxiliando-nos de forma colaborativa e incentivadora.

As Irmãs Missionárias da Consolata que indiretamente estiveram presentes no processo de idealização desse projeto.

E as nossas crianças que foram à inspiração na elaboração e escolha do tema a ser abordado.

Aos meus filhos Fernanda Caroline e Francisco Rodrigues pelo apoio e compreensão no decorrer desses três anos e meio do meu processo acadêmico.

As minhas irmãs pelo apoio no decorrer desses três anos, em especial a Yasa e ao Pedro por me acolherem com carinho em seu lar e me incentivaram de forma direta e indireta nesses anos do curso.

EPIGRÁFE

“Filhos são navios... Pais são estaleiros... Nos estaleiros os navios são construídos. O lugar mais seguro para os navios é o porto, mas eles não foram construídos para ficar ancorados no porto e, sim, para singrar os mares... Os pais podem achar que o lugar mais seguro para os filhos é junto deles, mas os filhos não nasceram para isso e, sim, para singrar os mares da vida.”
Içami Tiba

RESUMO

RAMOS e ALMEIDA, Iara M^a e Sonia M^a Rodrigues. A PARCERIA ESCOLA E FAMÍLIA.

O presente trabalho abordará um tema que mesmo diante de inúmeros estudos ainda há muito a se desvendar. A parceria entre os dois vertentes da educação infantil é um tema complexo e sempre atual. As transformações eminentes no ambiente escolar culminam questionamentos incessantes frente a educadores da educação infantil pública em nosso país. O distanciamento entre a instituição familiar e a escola é um tópico abrangente e instigante. Nessa pesquisa os sub-temas abordados auxiliam no esclarecimento com relação ao a parceria entre a escola e a família. O referencial teórico apóia-se em estudos de autores como, Arroyo, Paro, Palácios, Freire, Heloisa, Cerisaria e Imbernón. A metodologia qualitativa de cunho bibliográfico. Os resultados apontam para possíveis possibilidades na construção de uma parceria entre a escola e a família.

Palavras chaves: gestão democrática, família, parceria, educação infantil.

ABSTRACT

Ramos and Almeida, Iara M^a and Sônia Rodriguez. SCHOOL AND FAMILY PARTNERSHIP.

This paper will address a topic that even in the face of numerous studies there is still much to unravel. The partnership between the two strands of early childhood education is a complex and ever present. The prominent changes in the school environment culminate incessant questions facing educators of early childhood education publishing in our country. The distance between the family institution and the school is a comprehensive and intriguing topic. In this research sub-themes assist in the clarification regarding the partnership between school and home. The theoretical framework is based on studies of authors such as Arroyo, Paro, Palaces, Freire, Heloise, and Cerisaria Imbernon. The qualitative methodology of bibliographical. The results point to potential opportunities in building a partnership between school and home.

Key-words: democratic management, family, partnership, early childhood education.

LISTA DE SIGLAS

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

LDB – Lei de Diretrizes e Base

RCNI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO

1.1 Origem do interesse pela pesquisa

Anseios e questionamentos percorriam meu trabalho docente frente a Educação infantil desde meados de 90 quando iniciei o meu magistério. A participação precária e a falta de interesse real da escola pela família angustiavam-me e tornava minhas dúvidas incômodas. No decorrer desses 15 anos de magistério percebi que a participação das famílias no processo escolar contribuía de forma significativa na melhoria do espaço escolar.

Assim surgiu a ideia de um estudo específico que auxiliasse na busca de respostas para futuros educadores.

A proposta foi de cara aceita pela minha colega de TCC e partimos para o estudo bibliográfico que contribuísse de forma positiva nesse recurso de auxílio para os docentes.

1.2. Justificativa

Atualmente, discuti-se no meio escolar a relevância da parceria escola – família para garantir a qualidade. Porém, ainda é notória a defasagem em relação ao comprometimento de ambas as partes envolvidas, pois para que efetivamente ocorra essa parceria há necessidade de uma movimentação inicial dos representantes da escola.

Percebe-se que mesmo na escola de Educação Infantil ainda a parceria é tímida e muitas vezes não acontece na prática.

Mediante os apontamentos a cima, justifica-se a relevância da presente pesquisa para as pesquisadoras, futuras pedagogas, que poderão atuar nas escolas de Educação Infantil e para reflexão dos participantes da pesquisa no envolvimento entre a família e a escola.

1.3. Objetivos

Como objetivo geral dessa pesquisa bibliográfica procuramos auxiliar com mais um subsídio na busca por respostas a um tema que ainda é extremamente indispensável frente a educação na atualidade.

Para tanto, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Verificar quais as estratégias utilizadas pelos gestores e professores de duas escolas (ou uma) de educação infantil para facilitar a parceria família – escola.
- Perceber a importância da parceria escola- família com relação ao bom desenvolvimento integral da criança da Educação Infantil.

1.4. Estrutura do trabalho

Com o propósito de atingir os objetivos a cima o trabalho foi dividido em três capítulos e considerações finais.

O primeiro capítulo tem o objetivo de compreender melhor a gestão escolar de forma democrática dentro da educação na escola pública em nosso país. Para esclarecer sobre esse tema nos fundamentamos em Vitor Henrique Paro (2000) e em Paulo Freire(1995).

No segundo capítulo destrincharemos sobre a Educação Infantil e seus desafios. Para auxiliar nesse tema recorreremos ao RCNI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, documento não obrigatório nas escolas, mas, rico em informações com relação à teoria para os docentes e o professor Miguel Arroyo.

No terceiro capítulo reavivamos o tema central do nosso TCC procurando esclarecer sobre a participação dos pais na escola reavivando seu papel desde os primórdios da educação. Nesse capítulo nos inspiramos em uma entrevista da mestra em educação professora Márcia Kay (2012).

Por fim trazemos as considerações finais que ressalta a importância da parceria entre a escola e a família.

Epígrafe

Utopia - Zé Vicente

*Quando o dia da paz renascer
Quando o Sol da esperança brilhar
Eu vou cantar*

*Quando o povo nas ruas sorrir
E a roseira de novo florir
Eu vou cantar*

*Quando as cercas caírem no chão
Quando as mesas se encherem de pão
Eu vou cantar*

*Quando os muros que cercam os jardins, destruídos
Então os jasmins vão perfumar*

*Vai ser tão bonito se ouvir a canção
Cantada de novo
no olhar da gente a certeza de irmãos
reinado do povo (2x)*

*Quando as armas da destruição
destruídas em cada nação
eu vou sonhar*

*E o decreto que encerra a opressão
assinado só no coração
vai triunfar*

*Quando a voz da verdade se ouvir
e a mentira não mais existir
será enfim
tempo novo de eterna justiça
sem mais ódio sem sangue ou cobiça
vai ser assim*

*Vai ser tão bonito se ouvir a canção
Cantada de novo
no olhar da gente a certeza de irmãos
reinado do povo (2x)*

CAPÍTULO I

Gestão democrática na Escola Pública

Para melhor compreensão deste capítulo iremos iniciá-lo destrinchando o significado da gestão escolar baseado no minidicionário Soares Amora de língua portuguesa publicado pela Editora Saraiva em duas palavras:

Gestão: ato ou efeito de gerir; gerencia; administração.

Democrática: que pertence à democracia que significa governo do povo; sistema de governo que se caracteriza pela liberdade do ato eleitoral, pela divisão dos poderes e pelo controle da autoridade.

Diante dessas definições percebemos que a gestão democrática dentro do espaço escolar, nos remete a uma gestão com a participação ativa da comunidade e de todos aqueles envolvidos dentro do ambiente escolar, porém vale ressaltar que:

A administração escolar é portadora de uma especificidade que a diferencia da administração especificamente capitalista, cujo objetivo é o lucro, mesmo em prejuízo da realização humana implícita no ato educativo. Se administrar é utilizar os recursos para a realização de fins determinados, administrar a escola exige a permanente impregnação de seus fins pedagógicos na forma de alcançá-los." (PARO, 2000, p. 7)

Buscando melhores compreensões sobre essa gestão democrática tanto propagada nos meios acadêmicos, iremos focar nossa pesquisa em dois grandes nomes da educação em nosso país: Vitor Henrique Paro, doutor em Educação pela PUC e nas experiências vividas por Paulo Freire frente a secretaria de educação da maior cidade do Brasil, São Paulo, considerados grandes educadores com base para fomentar nossa discussão frente a um tema que ainda é "utopia" mediante muitas instituições escolares que não conseguem colocar em prática a verdadeira gestão democrática na escola pública em nosso país.

Em sua obra *Gestão democrática da Escola Pública* Paro usa-se do termo utopia quando fala que a gestão somente o será se ela permanecer apenas de forma oral, não a tornando real. Mas para que haja essa transformação tão idealizada por tantos o mestre fala que precisamos transformar a escola. E que isso somente ocorrerá

quando “o sistema de autoridade e a distribuição do próprio trabalho no interior da escola” (PARO, 2000, p.10) for transformado.

Para que ocorra uma efetiva organização democrática dentro do espaço escolar a função do diretor é extremamente indispensável. Um diretor que saiba compreender de fato que o seu papel dentro do ambiente social escolar não é de autoritarismo, mas de um profissional que compreende que apesar das inúmeras dificuldades a gestão democrática de fato pode sair do papel e transportar para as portas da escola. Diante dessa visão retomamos um pequeno trecho de Paulo Freire:

Uma das formas talvez de começar a fazer a transformação de que falei é a criação do que uma de minhas assessoras chama de frente de trabalho para exercer uma determinada tarefa de forma rápida e correta. (FREIRE, 1921, p. 34)

Na citação acima Freire faz uma menção ao conjunto de várias secretarias junto a um projeto da prefeitura de São Paulo para que de fato ocorresse uma mudança que ele tanto almejava. Agora podemos supor uma divisão de tarefas dentro da escola, descentralizando o poder que existe em cima da figura do diretor, poder esse que não existe. E podemos dizer que existe entre linhas por não estarmos cientes do seu real papel dentro da escola.

Essa relação vertical que ainda é tão palpável e inaceitável nas escolas pública precisa ser quebrada. Uma hierarquia que contribui único e exclusivamente para perpetuar um poder do dominante.

Com um diretor possibilitador, onde a comunidade e os funcionários estão envolvidos, a suposta idéia de ocorrer uma gestão democrática de fato poderá acontecer.

É pertinente deixarmos claro que quando aqui falamos em comunidade estamos assim como Paro, nos referindo a família mais precisamente, pois o conceito de comunidade é bastante amplo e a família se incorpora no papel da comunidade ao qual possuem extrema importância mediante essa parceria.

Entretanto muito se menciona o descaso por parte dos pais e da família dos estudantes no Brasil, mas o que pouco se sabe é que esse não é um dilema vivido apenas em nosso país e que também não tínhamos conhecimento que algumas pesquisas vão de modo contrário a essa suposta falta de interesse de nossos pais.

Em uma entrevista concedida a ¹ Nova escola On-line em 21 de outubro de 2009 a educadora da PUC – SP Heloisa Zymanski, nos relata as dificuldades que os pais possivelmente encontram para que haja uma verdadeira parceria. Na opinião da professora o dever de propor essa ligação entre escola e família é da instituição escolar. E para tal ela cita inúmeras situações para que os pais se reaproximem da escola. Uma delas é uma bem elaborada reunião de pais, que outros especialistas também mencionam como Freire e Paro.

Deparamo-nos com vários pais que não podem ir a uma reunião por falta de condições materiais, falamos em relação ao trabalho, havendo assim uma forte necessidade de um esforço público para que isso não pudesse acontecer. Quanto mais os obstáculos implementados pela escola forem maior, o abismo entre ambas as partes continuará dificultando esse processo de uma verdadeira escola democrática em nossa educação brasileira. Sobre isso Freire comenta:

Mudar a cara da escola implica também ouvir meninos e meninas, sociedade de bairro, pais, mães, diretores de escolas, delegados de ensino, professores, supervisores, comunidade científica, zeladores, merendeiras, etc. Não se muda a cara de uma escola por um ato de vontade do secretário. (FREIRE, 1921, p. 35)

Analisando assim, as palavras da educadora Heloisa e de Paulo Freire concluímos que muitos pais disponibilizam um pouco do seu tempo para trabalhar nas escolas como voluntários, quando a escola possibilita essas prática. Esse contato faz com que eles, que são os primeiros educadores, possam ter maior contato com o espaço sócio-educacional do seu filho.

¹ Conferir a entrevista da professora Heloisa em <http://www.youtube.com/watch?v=19vH4whytwc> ultimo acesso em 30/05/12

Essa interação é motivadora e faz com que os pais possam interagir de uma melhor forma, pois o contato com os funcionários e outros possibilita uma maior conscientização da escola como instituição formadora, assim eles podem opinar partindo da linha do voluntariado braçal para aquele de efetiva participação nas tomadas de decisão da escola.

Não se é necessário irmos a grandes nomes para enxergarmos que a própria escola na grande maioria das vezes não faz esforço para que haja essa comunicação entre os familiares dos alunos. Ainda a professora Heloisa menciona em sua entrevista que quando os pais geralmente são chamados a escola eles já automaticamente pressupõem que irão receber alguma advertência e faz com que isso os afaste ainda mais. O que de fato acontece.

Por essa entre outras razões a escola deve sair da sua passividade frente a essa discussão e não impor à desculpa que o problema é sempre a falta da família. Para isso antes ela merece analisar de forma democrática como está o seu desempenho para que isso de fato possa ocorrer.

Outro ponto da nossa pesquisa que envolve a gestão seria a conservação e revitalização do ambiente didático. Freire em frente a sua prática dentro da Secretaria de Educação de São Paulo menciona o estado deplorável em que se encontravam as escolas quando ele assumiu. Isso não é um dilema enfrentado apenas na maior capital do país, mas em todo o nosso território e tão pouco resolvido após tantos anos. É comum que escolas ainda hoje estejam em estado lamentável abrigando crianças em suas salas multi-seriadas devido, não somente, a falta de espaço. E então nos deparamos com isso:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, ECA, Ano 1990, p. 35)

Onde está mesmo o respeito ao direito a uma educação em seu sentido real, efetivo? Sem uma boa estruturação, como o professor pode ter prazer em ensinar ou o aluno em aprender? O educador é taxativo com relação a esse ponto, ao

mencionar que a aprendizagem não poderá ocorrer de fato dentro de um espaço mal cuidado impossibilitando condições dignas para ambas as partes envolvidas neste processo de aquisição de conhecimento.

A mudança deve ocorrer mediante políticas públicas efetivas por meio de parceria com secretarias dentro da prefeitura. Assim concluímos que a gestão da escola pública deve estar ciente que as relações verticais apenas contribuem para a decadência dos objetivos sociais da escola.

Epígrafe

É Bom Ser Criança

Toquinho

É bom ser criança,
Ter de todos atenção.
Da mamãe carinho,
Do papai a proteção.
É tão bom se divertir
E não ter que trabalhar.
Só comer, crescer, dormir, brincar.

É bom ser criança,
Isso às vezes nos convém.
Nós temos direitos
Que gente grande não tem.
Só brincar, brincar, brincar,
Sem pensar no boletim.
Bem que isso podia nunca mais ter fim.

É bom ser criança
E não ter que se preocupar
Com a conta no banco
Nem com filhos pra criar.
É tão bom não ter que ter
Prestações pra se pagar.
Só comer, crescer, dormir, brincar.

É bom ser criança,
Ter amigos de montão.
Fazer cross saltando,
Tirando as rodas do chão.
Soltar pipas lá no céu,
Deslizar sobre patins.
Bem que isso podia nunca mais ter fim.

CAPÍTULO II

Educação infantil e seus desafios

Já paramos para pensar, quando vemos uma criança, que ela um dia foi vista de outra forma? Uma visão deturpada de quem ela realmente é?

Até o século XIII a criança era vista como uma miniatura adulta. Com a formação de grandes famílias, muitas mães deixavam a educação a cargo de outras pessoas, não vendo assim as crianças com a importância que elas tem hoje. Somente a partir do século XVII “quando a criança da idade moderna apareceu refletida na história da pintura: pela primeira vez, apareceram retratos exclusivos de crianças”. (PALÁCIOS, 2004, p. 19)

As condições de vida eram sub-humanas até meados do século XIX, porém essa realidade, apesar da mudanças, ainda persistem onde crianças são maltratadas e desconsideradas com suas devidas especificidades.

O mestre Miguel Gonzáles Arroyo em um dos seus artigos lança essa questão para nos educadoras de creches: O que entendemos por infância? E que visão trazemos dessa fase da vida de todo ser humano?

Cada idade não esta em função de outra idade. Cada idade tem, em si mesma, a identidade própria, que exige uma educação própria, uma realização própria enquanto idade e não quando preparo para outra idade. Isso tem revolucionado incrivelmente a questão da infância. Então, vem aquela concepção que dominou de que infância e tempo para passarmos a considerar a infância como em si, como tempo em si. Cada fase da idade tem sua identidade própria, suas finalidades próprias, tem que ser vivida na totalidade dela mesma e não submetidas a futuras vivencias que muitas vezes não chegam. (ARROYO, 1994).

Em virtude dessa discussão e das realidades cruéis as quais nossas crianças estão envolvidas, pensamos em soluções, e uma delas certamente é a educação. Uma educação com base sólida e empenhada na transformação dessa cruel realidade.

O ECA promulgado em 13 de julho de 1990, como mencionamos no capítulo anterior tem, no Artigo 4º, bem explicito, vale ressaltar, o dever que a sociedade como um todo tem para com as crianças em relação à educação entre outros.

Poderíamos então para prosseguir nessa abordagem destrinchar o que seria educar, mais especificamente dentro da Educação Infantil que é destinada as crianças de 0 a 6 anos.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade.(RCNI, 1998, p. 23)

Assim com as constantes mudanças no ambiente social precisamos compreender que novas concepções são necessárias, pois, “a infância é algo que esta em permanente construção” (ARROYO, 1994). A educação que nossos pais recebiam dos nossos avós já não são mais as mesmas que partilhamos com nossos filhos, isso devido às novas consciências sociais ao qual estamos inseridos no momento. Assim por sua vez, as mudanças serão constantes.

Depois de destrincharmos um pouco sobre a infância, podemos dar sequência a outro tema de extrema importância ao qual buscamos refletir neste trabalho: a educação.

Buscamos como base para esse estudo especificamente o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI Volume I – Introdução.

O referencial que teve sua elaboração final em outubro de 1998, explica e destrincha temas dentro de educação de crianças de 0 a 6 anos.

É neste documento que vamos buscar algumas definições essenciais para o decorrer desse capítulo. Mas não é o único recurso, deixemos bem claro. Como base temos a LDB – Leis de Diretrizes e Base que norteiam e Educação Infantil em nosso país:

As Propostas Pedagógicas das instituições de Educação Infantil devem respeitar:

1. Princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum.

2. Princípios políticos dos direitos e deveres de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;
 3. Princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais.
- ²(CERISARA, 2002)

Portanto o recurso que utilizaremos é extremamente válido, mas como já compreendemos não deve ser o único.

Assim, o educar não se restringe a idéia retrógrada que a criança vai à escola/creche apenas com o intuito de entretenimento, de lazer. Esse pensamento, se ainda insiste deve ser quebrado. É também, tão importante quanto nas outras séries, que a criança deve apreender a conviver socialmente.

A escola de educação infantil deve propiciar a criança elementos que possibilitem essa autonomia, considerando sempre aquilo que ela trás do seu convívio social e apresentando-a novos conhecimentos.

Colocar as crianças diante de problemas, desafios que sejam capazes de estimular o seu desenvolvimento integral. Para conseguir alcanças esses objetivos à escola precisa de pessoa com comprometimento e responsabilidade pela educação. Bons profissionais que se façam capazes de integrar esse projeto quase utópico.

Para esse perfil ideal o documento define em duas palavra:

Competência Polivalente

O próprio documento explica o que seria essa competência:

Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes de diversas áreas de conhecimento. (RCNI, 1998, p. 41)

Mas para que um profissional esteja dentro dessa competência à escola necessita oferecer possibilidades para que isso de fato ocorra, como é o caso de uma formação constante e da valorização do seu trabalho.

² <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n80/12935.pdf>

Mas para que um profissional esteja dentro dessa competência à escola necessita oferecer possibilidades para que isso de fato ocorra, como é o caso de uma formação constante e da valorização do seu trabalho.

Percebemos hoje que o professor, por inúmeras vezes não é respeitado, valorizado no seu desempenho diário. São inúmeras questões que demandam esse ponto. Desde a baixa remuneração passando pela falta de formação continuada.

Em relação à importância do tema exposto a cima, trouxemos essa citação:

A formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de auto-avaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes. (IMBERNÓN, 2001 p.48-49).

O profissional da educação precisa estar sempre integrado socialmente por meio de uma formação contínua.

Acompanhar as transformações sociais é ter a possibilidade de se perceber e ao seu aluno. Porém o transformar inúmeras vezes trás o medo e por consequência a estagnação, o que em alguns processos acaba por danificar todos os objetivos e com a educação não poderia ser diferente.

O profissional que não se permite crescer, não pode mediar à aquisição de conhecimento do outro, no caso do aluno. Uma boa gestão percebe esse educador e tem o poder de ajudá-lo a se perceber.

Para encerramos esse capítulo acreditamos ser conveniente expor os objetivos gerais para a educação infantil que o RCNI apresenta. Procurando propiciar as crianças seu crescimento integral.

OBJETIVOS GERAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A prática da educação infantil deve se organizar de modo que as crianças desenvolvam as seguintes capacidades:

- desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua auto estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vistas com os dos demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas idéias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
- conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade.

Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores

Geraldo Vandré

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Pelos campos há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando
Indecisos cordões
Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontece

Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam
Uma antiga lição:
De morrer pela pátria
E viver sem razão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Somos todos soldados
Armados ou não
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não

Os amores na mente
As flores no chão
A certeza na frente
A história na mão
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

CAPÍTULO III
EDUCAÇÃO E A FAMÍLIA

No primeiro capítulo falamos um pouco sobre a gestão democrática na escola pública, no segundo abordamos o tema sobre a educação infantil e neste optamos por expor um pouco o tema que norteia o nosso projeto. Para tal obtivemos acesso a uma entrevista concedida pela doutora em educação: currículo, Márcia Kay.

Questionada sobre a parceria entre escola e família ela nos proporciona um reflexão que merece assim, como a gestão democrática, sair do papel e ser colocada em prática.

Quando questionada se os pais participavam da escola, podemos retomar concepções de uma gestão participativa, mas ela ainda frisa que essa participação familiar tão questionada ainda hoje, tem idéias diferentes, divergentes.

A escola tem uma concepção as vezes deturpada com relação ao significado do que é participação familiar dentro do ambiente escolar.

A escola, isto é, o coletivo escolar, pode entender que participar da vida escolar dos filhos é acompanhar as lições de casa, participar das reuniões de pais, responder aos chamados da escola quando for solicitado e de festas ou comemorações promovidas por ela. (KAY, 2012)

Essa famosa participação vai muito além. Os pais precisam estar inseridos no ambiente escolar de forma integral, para que ocorra a transformação tão idealizada por inúmeros educadores e que de fato possam se conhecer e propiciar o mesmo aos seus filhos como cidadãos.

A participação popular na criação da cultura e da educação rompe com a tradição de que só a elite é competente e sabe quais são as necessidades e interesses de toda a sociedade. (FREIRE, 1995, p. 16)

Márcia fala ainda que encabeçando medidas preliminares para essa inserção, como rever o pensamento da escola sobre essa participação, mencionado a cima, e refletir como se dá essa parceria, sendo possível existir essa participação ativa das famílias dentro do espaço educacional da criança. Mediante isso também o RCNI ressalta esse ponto o que vem a reforçar as respostas da mestra em educação.

Constata-se em muitas instituições que estas relações tem sido conflituosas, baseadas numa concepção equivocada de que as famílias dificultam o processo de socialização e de aprendizagem das crianças. (RCNI, 1998, p.75)

As diferenças culturais ainda são um ponto importante a se discutir em relação a essa suposta falta de interesse. Muitos pais que não disponibilizam de tempo para participarem de forma integral da vida escolar do filho, devido à vida trabalhista ou mesmo aqueles que com poder aquisitivo médio ou alto não partilha de afetividade. Segundo o RCNI essas duas possibilidades citadas à cima são “preconceituosa, que gera ações discriminatórias, impedindo o dialogo entre as duas vertentes. Porém acreditamos que as questões sociais como o trabalho ainda é um ponto que realmente contribui para que essa aproximação não vingue. Em relação a esse ponto Paro é claro:

Não basta permitir formalmente que os pais de alunos participem da administração da escola; é preciso que haja condições materiais propiciadoras dessa participação. A este respeito, uma medida que acredito deva ser tomada pelo Congresso Constituinte é a instituição de dispositivo constitucional que facilite a participação dos pais na vida escolar, por meio da progressiva isenção de horas de trabalho nas empresas. (PARO, 2000, P.13)

Quando a professora Márcia fala em sua entrevista sobre as estratégias possíveis para uma participação dos pais como abrir canais de comunicação e a criação de uma comissão com o intuito de organizar atividades automaticamente lembrou-nos do destrinchar de Freire em seu livro Educação na Cidade. O educador frisava questões como o contato direto com as famílias, o contato pessoal. Além de integrar inúmeras frentes no mesmo projeto Freire mencionava que o contato direto com o público, com o espaço se fazia extremamente importante para o bom andamento do projeto.

Tanto a professora Heloisa Zymansk que mencionamos no capítulo anterior quanto a mestra Márcia indicam a reunião de pais como um forte ponto a ser trabalhado para a conquista dessa parceria.

Nas reuniões os pais não precisam ouvir reclamações dos filhos, o que de fato ocorre e impede essa aproximação, eles podem ser avisados com antecedência sobre a pauta e que haja a possibilidade deles sugerirem na mesma, isso passa confiança e comprometimento. Passando a ser um momento onde possam trocar idéias, experiências trazendo resultados e soluções em conjunto para as dificuldades entre ambas as instituições sejam superadas.

Além das reuniões outro momento em conjunto com os pais proporcionado pela escola seria as festas como forma de interação e lazer. A escola deve propiciar momentos como esses. Trazendo alegria e proporcionando entrosamento entre as famílias e para com ela.

Outra fonte seria a participação no conselho de pais e mestres da escola, o que é frisado por ambas educadoras. Tanto os pais como os alunos compreenderem o que é o Conselho, o que auxilia no bom andamento entre as duas instituições. E na elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP).

Incentivar os pais com relação a essa participação é extremamente importante, quanto mais ela mostrar a importância deles no processo educacional das crianças mais eles poderão sentir-se responsáveis e incentivados também a acompanhar de perto o desenvolvimento escolar dos seus filhos.

Em relação aos resultados positivos dessa parceria diretamente no processo educacional da criança Márcia Kay ressalta que para obter esses resultados é necessário no primeiro momento esclarecer o objetivo que se pretende, mas que para isso vale lembrar que o professor deve estar constantemente preparado para lidar com as dificuldades que possivelmente estará exposto. Para superar os desafios a formação continuada é o melhor recurso:

Uma das preocupações centrais de nossa administração não poderia deixar de ser a da formação permanente da educadora. Não se pode pensar em mudar a cara da escola, não se pode pensar em ajudar a escola a ir ficando seria, rigorosa, competente e alegre sem pensar na formação permanente da educadora. Para nós, a formação permanente das educadoras se fará tanto quanto possamos, através, preponderantemente, da reflexão sobre a prática. (FREIRE, 1995, p. 38-39)

Assim lembramos ainda que é papel da escola ensinar a criança, a aprendizagem, a transmissão do saber, é papel da instituição escolar, mesmo que a principal referência para a criança é a instituição familiar.

Para finalizarmos esse capítulo vale lembrar o respeito as transformações familiares em nossa sociedade atual. No RCNI há exemplos de vários exemplos de famílias, mas lembramos que na época da implantação desse documento era uma realidade e hoje temos outra. Mais uma vez ressaltamos a continua formação do educador.

Para que a parceria entre as duas instituições obtenha sucesso é necessário como podemos perceber inúmeras questões, mas percebemos ainda que ela começando pela gestão democrática e persiste na mesma. Tendo uma gestão participativa a escola se tornará democrática.

Considerações finais

Diante da pesquisa apresentada procuramos destrinchar sobre a importância da parceria entre a escola e a família.

Essa pesquisa foi direcionada aos educadores com o intuito de propiciar mais um subsídio de estudo para a possível compreensão dos benefícios dessa parceria na Educação Infantil.

Para alcançar esse objetivo recorreremos à metodologia qualitativa de cunho bibliográfico, sendo em nossa visão a mais adequada na procura por responder aos nossos anseios com relação ao tema abordado.

Ressaltamos ainda que essa pesquisa é apenas mais uma fonte de pesquisa ao qual o educador tem como possibilidade de estudo, mas não única. Apreendemos com Paro e Freire sobre a Gestão democrática, mas sabemos que muito ainda tem a ser explorado neste campo.

Assim como o especialista em Educação Infantil no campo Miguel Arroyo, em seus vastos artigos e livros o professor orienta docentes de forma clara e objetiva sobre o olhar mais aguçado que o educador deve ter em relação à área educativa.

Esperamos assim ter alcançado os objetivos propostos desse trabalho e ter de alguma forma auxiliado na contribuição nesse campo de pesquisa que ainda há muito a ser explorado.

Referencias Bibliográficas

BRASIL/Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática na escola pública**. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 2000.

FREIRE. Paulo. **Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1995

<http://www.youtube.com/watch?v=19vH4whytwc>

COLL, César. MARCHESI, Álvaro e PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação**. São Paulo: Artmed, 2002.